

## Ensino de biologia: políticas de formação e formação política

No ano em que a Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio) completou duas décadas de existência, realizou-se o VII Encontro Regional de Ensino de Biologia do Nordeste (VII EREBIO). Se quando da escolha temática do evento já vínhamos em vigilância diante dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais à época, no Brasil, hoje não temos dúvidas quanto à pertinência e à persistência da sua atualidade. “Ensino de Biologia: políticas de formação e formação política” coloca-se entre nós tão vital e urgente quanto a tarefa de ampliar vertical e horizontalmente o que se pode fazer quando se trata de ensinar Biologia em nossos tempos.

Em atenção à temática central do referido evento, este número temático da *Revista Entreideias* se propõe a pautar, refletir e analisar diferentes dimensões que atravessam ou podem vir a atravessar as políticas de formação e as formações políticas no Ensino de Biologia. Quisemos dar a ver o que nossa comunidade de professorxs e de pesquisadorxs tem pensado e feito quando se trata de focalizar temas que prosseguem repercutindo em nossos horizontes. É assim que neste número temático figuramos temas dos artigos: sujeitos do ensino de Biologia entre religiosidades, patologizações e medicalizações; corpo como lugar de cruzamentos entre raça, gênero e sexualidade nos corpos; políticas e práticas curriculares de formação; o pronto e o inacabado nas Biologias e em seus ensinamentos. Oriundos de alguns dos textos das mesas-redondas do VII EREBIO e de outros que com elas dialogam, os artigos recebidos foram avaliados às cegas por pareceristas de diferentes instituições de ensino e pesquisa. Uma vez aprovados, resultaram em sete provocantes artigos (de nove instituições distribuídas nos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí), descritos a seguir.

O artigo de Geórgia Tavares (UFPI) abre o número temático problematizando os lugares-padrão para corpo no ensino de Biologia. O pressuposto é o de que, ao pretender-se ensinar sobre a ‘vida’, ensina-se também sobre corpos, o que pode construir/reforçar o ensino de um corpo considerado normal. Utilizando como empiria produções como filmes, instalações artísticas e matérias de revistas, o texto propõe-se a lançar outros olhares por sobre aquilo

que afirmamos “ser”, desestabilizar algumas certezas que o ensino da vida, a Biologia, ajuda a fixar. Para tanto, são lançadas algumas questões: como a biologia vem contribuindo para demarcações de fronteiras? Como constrói posições de sujeito ancoradas nas ditas verdades científicas? Dessa forma, o texto pretende tencionar e desnaturalizar bio-capturas que investem sobre lugares e identidades fixas, problematizando o possível engessamento que a vertente classificacionista da biologia possa gerar.

Nivaldo Aureliano (UNEB) explora o pressuposto de que “a desvalorização dos saberes pertencentes a povos e comunidades tradicionais ocasiona práticas de violência epistêmica e racial”. Ao partir das possibilidades de educação em perspectiva etnoecológica, o artigo volta-se à reflexão sobre o potencial dos saberes locais para um ensino de Biologia pautado em uma educação antirracista, libertadora e democrática. O artigo tece argumentação em torno das relações assimétricas de poder iniciadas no processo de colonização e persistentes até os dias atuais, as quais reverberam nas formas de ensino-aprendizagem (re)produzidas, por exemplo, nas instituições escolares. Aponta para uma relação inextrincável entre Ciências e Culturas e valoriza uma pluralidade epistemológica que reconheça as identidades, exemplificada nos processos de educação (escolar ou não) presentes em terreiros de Candomblé, povos indígenas e comunidades quilombolas.

Alice Pagan (UFS), em um instigante texto atravessado por suas implicações na produção de saberes e fazeres no ensino de Biologia, problematiza possíveis relações entre “conhecimento sobre a natureza” e o “autoconhecimento de nossa espécie sobre a própria humanidade”. Ela propõe em seu artigo que as diferentes formas dessas relações, de alteridade com os demais seres vivos, podem influenciar nas questões raciais, no sexismo e no especismo. O argumento relaciona a desumanização com a subjugação de membros da nossa espécie e das demais, bem como, que a humanização pode ser uma proposta para relações equitativas entre os diferentes seres vivos que habitam este planeta.

O artigo de Felipe Medeiros (Faculdade do Seridó) e Marlécio Maknamara (UFAL) focaliza a EaD como estratégia privilegiada de democratização do ensino e de inclusão social que vinha recebendo grande projeção no cenário educacional brasileiro. Analisam necessidades formativas que emergem de uma pesquisa junto a licenciandos de um curso de Ciências Biológicas na modalidade EaD, a

partir de memoriais de formação e de grupos focais. Mostram que os sujeitos da pesquisa reconhecem fragilidades em sua formação considerando tanto sua situação imediata na licenciatura quanto suas perspectivas de atuação docente no futuro, com destaque para a centralidade atribuída a aspectos relacionais e afetivo-emocionais. Concluem que modos de ser sujeito e aquilo de que são dotados e capazes de realizar importam a xs participantes da pesquisa, o que traz grandes e novos desafios quando se trata de formar docentes de Ciências e Biologia.

Clévia Carvalho (Prefeitura de João Pessoa) e Betânia Ramalho (UFRN) partem do pressuposto de que “o professor faz a diferença fundamentalmente pelo papel social e político que ele ocupa no processo educativo escolar como agente de transmissão da cultura às novas gerações”. O artigo parte de investigação cujo objetivo foi analisar necessidades formativas de professores/as dos anos iniciais da escolarização básica quanto a conteúdos conceituais de ciências naturais. Fizeram parte do estudo 69 docentes cujos processos formativos revelam negligências que comprometem o processo de profissionalização docente para o ensino na área, com implicações negativas para a aprendizagem dos conceitos e correspondentes habilidades das ciências naturais, o que demanda a reconfiguração da política de formação continuada que vem sendo proposta para esse grupo docente.

Edinaldo Carmo (UESB) nos traz resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi compreender como os estudantes em processo de formação na licenciatura constroem saberes profissionais. Mirando seus relatórios de estágio supervisionado, os resultados mostram que professores em formação inicial constroem seus saberes mediante a análise de situações reais de ensino, articulando reflexivamente teoria e prática. Mais que isso, os condicionantes enfrentados por tais professores em sala de aula foram retraduzidos como desafios constitutivos da prática e, por meio da reflexão, tornaram-se formativos. Assim, conclui-se que ao enfrentarem os problemas reais do ensino, estes professores em formação desenvolveram reflexões acerca do processo de ensino e aprendizagem fundamentais para a constituição dos saberes profissionais.

José Roberto Feitosa (UFC) finaliza este número temático com um artigo motivado pela seguinte questão: o que ensinamos e aprendemos nos cursos de formação de professores de Biologia? O texto problematiza aspectos técnicos e legais de cursos de formação

de professores de Ciências e Biologia. Os pressupostos são os de que o conhecimento veiculado pela ciência tem norteado o processo formativo de professores, além da ausência de discussões sobre ciência e a falta de compreensão da Biologia como ciência autônoma. A argumentação é pelo uso do conhecimento técnico-científico sob nova perspectiva (crítica, holística e não reducionista), no sentido de trazer e fazer sentido à Biologia não somente como um conjunto de fatos, mas como sentidos e possibilidades de outras compreensões e outros percursos formativos para futuros docentes dessa disciplina escolar.

Como se vê, são textos que falam do ensinar Biologia e, ao mesmo tempo, permitem questionar a docência também em outros campos do conhecimento em nossos tempos. Sobre tais tempos, muito se quer e se faz em nome deles: também por isso entramos nessas disputas posicionando nossos objetos e a nós mesmos por meio deste número temático. Nesses mesmos tempos de muito saber e de, às vezes, pouco sabor, esperamos que a leitura seja proveitosa, produtora, potente, mas também e talvez antes de tudo, prazerosa e polissêmica.

Salvador, 22 de outubro de 2018.  
Marlécio Maknamara (UFAL)  
Marta Lícia Teles Brito de Jesus (UFBA)  
(Organizadoras)